



Fabio Mariano Cruz Pereira

Fabio Mariano Cruz Pereira, bacharel em design pela Universidade Salvador (Bahia), mestre em design pelo Centro Universitário Senac (São Paulo), atualmente é doutorando do programa de pós-graduação em design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo- FAU USP (Brasil) em convênio de dupla titulação com a *Università IUAV di Venezia* (Itália). Atuou como designer gráfico no estúdio Fonte Design por quase 10 anos. Autor de diversos artigos sobre design e tipografia e de textos literários publicados por diversas editoras em edições coletivas bem como em edições independentes. Email: fabiomariano@usp.br

PARA ALÉM DO DESIGN, TIMBRES E ETIQUETAS COMO ELEMENTOS PARA ESTUDOS DA CULTURA MATERIAL

“O estudo sobre como os artefatos gráficos eram criados e produzidos em São Paulo, há mais de cem anos, nos revela dados importantes sobre as origens do design no contexto brasileiro. Mas não só isso, traz também contribuições importantes para a história da indústria e do comércio, das técnicas e das tecnologias, e ainda das relações de trabalho durante a primeira república.”

A hemeroteca foi a porta de entrada da pesquisa no arquivo

RA: Na condição de pesquisador, como foi o seu primeiro contato no APESP?

FABIO PEREIRA: Em 2016 estive envolvido com o estudo das revistas que eram produzidas em São Paulo no início do século XX, dentro do contexto da disciplina Memória Gráfica e Cultura Material oferecida pelo programa de pós-graduação da FAU USP. Foi na Hemeroteca do APESP que tive o primeiro contato com essas revistas e, a partir delas, passei a me interessar pelos anúncios de antigas oficinas tipográficas, o que posteriormente motivou minha pesquisa de doutorado.

Foi na hemeroteca do APESP que me dei conta da diversidade de anúncios que divulgavam antigas oficinas tipográficas paulistanas em páginas de periódicos.

RA: Você possui formação e experiência na área de design gráfico e é doutorando pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Como a sua pesquisa o trouxe ao Arquivo?

FABIO PEREIRA: A pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP possui dois programas, um em Arquitetura e Urbanismo, outro em Design. Este, de origem mais recente, é constituído das seguintes linhas de pesquisa: Design, Processos e Linguagens e Teoria e História do Design – ao qual estou vinculado. Existem diferentes linhas teóricas que discutem a definição, e, por conseguinte, a origem do design no Brasil e no mundo. Ou seja, esse ainda é um tópico em discussão. O estudo sobre como os artefatos gráficos eram criados e produzidos em São Paulo, há mais de cem anos, nos revela dados importantes sobre as origens do design no contexto brasileiro. Mas não só isso, traz também contribuições importantes para a história da indústria e do comércio, das técnicas e das tecnologias, e ainda das relações de trabalho durante a primeira república.

Foi na hemeroteca do APESP que me dei conta da diversidade de anúncios que divulgavam antigas oficinas tipográficas paulistanas em páginas de periódicos. Ao produzir livros, revistas, jornais, bilhetes, material escolar, panfletos, cartazes etc., as oficinas tipográficas foram responsáveis por boa parte da comunicação visual veiculada em grande escala naquele tempo. Elas exerciam uma atividade muito especializada e dominavam um maquinário que hoje é considerado – salvo exceções pontuais – obsoleto.

No momento em que me interessei por esse tema, eu atuava como designer gráfico no estúdio Fonte Design e havia me tornado monitor voluntário no curso de graduação em design da FAU USP, na disciplina Tipografia. Em paralelo, me envolvia cada vez mais com o projeto Memória Gráfica Paulistana,¹ coordenado pela Profa. Dra. Priscila Lena Farias na FAU USP.

A tipografia no rastro da história do design como identidade visual

Foto: Acervo Apesp



Timbre da Papelaria e Tipografia Duprat & Cia. 1908.

RA: O seu tema de pesquisa é bem específico. Em quais fundos, coleções e conjuntos documentais do Arquivo você conseguiu encontrar a maior quantidade de informações para a sua pesquisa?

FABIO PEREIRA: O meu interesse principal está nas composições visuais criadas pelas oficinas tipográficas para identificar a elas mesmas. Defendo a hipótese de que essas empresas, já no começo do século XX, repetiam elementos visuais cuidadosamente selecionados (como tipos de letra, símbolos, cores ou molduras) para identificá-las de modo organizado e consistente, inaugurando assim uma prática semelhante

àquilo que mais tarde se tornaria conhecido no campo do design como identidade visual. São diversos os documentos necessários para sustentar a tese, especialmente porque a importância do conteúdo visual neste caso se sobrepõe à importância do conteúdo verbal e, desse modo, mais crucial que definir fundos ou coleções era localizar documentos que continham exemplos de identificação das oficinas tipográficas. Obviamente que alguns conjuntos foram importantes, como por exemplo, aqueles que reúnem documentos de prestação de contas ou de acordos comerciais, geralmente assinados em papéis timbrados, que podem ser localizados em diversos fundos do Apesp.

Os timbres impressos nas notas de venda são exemplos claros de identificação gráfica das empresas prestadoras de serviço. Outra descoberta importante, feita durante a realização da pesquisa no APESP, foram as etiquetas de livros em branco, geralmente usadas para identificar as oficinas que produziram os encadernados usados na contabilidade ou nos registros civis da época. Essas etiquetas são hoje muito raras, pois não foram consideradas relevantes no processo de guarda dos documentos de modo que grande parte foi perdida. Elas são, entretanto, extremamente importantes para a história dos encadernados e das empresas que os confeccionaram. No APESP, muitas dessas etiquetas ainda se encontram bem preservadas, especialmente entre os documentos produzidos pela Secretaria do Interior e nos encadernados pertencentes a outros fundos.

¹ Projeto Memória Gráfica Paulistana. O principal objetivo destes estudos é chegar a uma melhor compreensão da configuração da identidade da cidade através do exame sistemático das características visuais dos artefatos gráficos que nela circularam. Os procedimentos metodológicos incluem a identificação e localização espacial das oficinas tipográficas existentes na cidade, e a recriação de seus repertórios tipográficos a partir dos impressos por elas produzidos. Disponível em: <http://labvisual.fau.usp.br/projeto.php?id=13>

Por uma política de preservação dos artefatos documentais

RA: Não deve ter sido muito fácil esse trajeto de pesquisa. Fale um pouco das dificuldades e estratégias na busca de documentos relacionados à sua pesquisa.

FABIO PEREIRA: O principal problema encontrado durante essas consultas é talvez a falta de uma política de guarda que incorpore elementos relativos à materialidade do documento, isto é, relativos à produção do documento enquanto artefato, e não apenas ao seu conteúdo verbal. Quando me refiro a elementos relativos à produção do documento, estou falando daquilo que não é informação verbal, que não pode ser transcrito: refiro-me ao tipo de papel, sua dimensão e gramatura, a retícula de impressão, a diagramação, as cores usadas, o sistema de impressão adotado, o sutil relevo deixado pela força da prensa, os tipos de letra e a combinação desses tipos de letra etc. Todos esses elementos também contam uma história que têm muito a ver com as técnicas produtivas usadas no passado. Essa aparente dificuldade das políticas de guarda dos arquivos, que não prevê em detalhes esses elementos materiais/produtivos, não é um problema só do APESP, mas talvez seja do próprio campo arquivístico pois, tive que lidar com essa dificuldade em todos os arquivos consultados – inclusive fora do Brasil, por exemplo, no Archivio di Stato di Venezia,² na Itália.

Preciso lembrar, é claro, que não sou especialista em arquivos e que talvez existam iniciativas atentas a essa questão. Meu relato aqui é de um mero consulente. Em todos os casos, a estratégia que adotei

Outra descoberta importante, feita durante a realização da pesquisa no APESP, foram as etiquetas de livros em branco, geralmente usadas para identificar as oficinas que produziram os encadernados usados na contabilidade ou nos registros civis da época.

para contornar essa dificuldade foi ampliar ao máximo o número de documentos consultados, incorporando ao processo uma etapa de fotografia com foco nos elementos visuais. Com o aumento do número de documentos consultados, aumentam também as possibilidades de encontrar exemplos bem preservados de identificação de oficinas tipográficas.

Foram considerados os recortes temporais (três primeiras décadas do século XX) e geográficos (aqueles produzidos na cidade de São Paulo). Todos os documentos selecionados têm sido de fundamental importância para o sustento da tese.

RA: Essa sua resposta nos instiga a uma outra questão: você ressalta a importância da descrição e preservação das características físicas do papel, como textura, gramatura, retícula, cores etc. O que fazer no caso do documento digitalizado ou microfilmado? Você chegou a se deparar com esse problema?

FABIO PEREIRA: Todos os documentos que consultei eram físicos, pois os processos de digitalização e microfilmagem preservam as informações verbais mas não são capazes de capturar os detalhes materiais dos documentos. Relevos ou cores especiais são, por exemplo, completamente preteridos. A outra perda comum é a escala do documento, pois não é sempre que as digitalizações trazem consigo as informações de tamanho. E quando falamos do antigo sistema de impressão tipográfico, o tamanho das letras tinha uma grande importância, pois cada corpo correspondia a um desenho único, com pequenas adequações de ajuste óptico.

Foto: Fundo Secretaria de Agricultura. Arquivo Pessoal



Etiqueta da Typographia Brazil fixada na contracapa de um livro em branco. 1914.

² Archivio di Stato di Venezia. Disponível em: <https://www.archiviodistatovenezia.it/it/>

Álbum organizado por “misterioso funcionário” rende publicação na Holanda

RA: Sabemos que você experimentou um achado inusitado em suas pesquisas no Apesp. Conte para os nossos leitores sobre essa ocorrência.

FABIO PEREIRA: Sim, é verdade. Um importante conjunto de papéis timbrados e etiquetas de oficinas tipográficas foi organizado em um álbum por algum misterioso funcionário do Arquivo, provavelmente nos anos 1930, conjunto esse, localizado com a ajuda da equipe técnica do acervo. Trata-se de um encadernado pertencente ao arquivo do Arquivo até então não catalogado e denominado *Papelarias de São Paulo: Rótulos*.

O estudo desse álbum deu origem ao *artigo Information, typography and persuasion in Brazilian late 19th and early 20th century ephemera*,³ publicado no periódico holandês *Information Design Journal* e apresentado durante o 9º Congresso Internacional de Design da Informação, que aconteceu em Belo Horizonte em 2019. A abordagem adotada na pesquisa tem referência nos estudos em memória gráfica, que visa recuperar e analisar artefatos gráficos até então pouco conhecidos nos estudos de história da impressão, do design e da cultura material.

Arquivo é mais próximo de instituição cartorial do que do museu

Foto: Acervo Apesp



Álbum Papelarias de São Paulo: Rótulos.

Foto: Acervo Apesp



Álbum Papelarias de São Paulo: Rótulos.

RA: Como você classifica a importância dos arquivos para a produção do conhecimento, para a cultura e para garantia de direitos?

FABIO PEREIRA: Diferente dos museus e das bibliotecas, os arquivos têm um perfil muito particular, pois se ocupam de reunir, guardar e assegurar a recuperação e consulta de documentos históricos e comprobatórios. E nesse sentido, se assemelham, de algum modo, a uma instituição cartorial. Então, é importante ter em mente que os documentos consultados nos arquivos, especialmente no caso dos arquivos públicos, são sempre um recorte daquilo que se elegeu como oficial ao longo da história. Por isso acredito que seja muito importante que o pesquisador se esforce em compreender a formação do acervo que está pesquisando, até para avaliar como a história dos documentos pode vir a influenciar nos métodos de análise.

³ PEREIRA. Fábio Mariano da Cruz. FARIAS. Priscila Lena. *Information, typography and persuasion in Brazilian late 19th and early 20th century ephemera*. *Information Design Journal* Holanda. Vol. 25:2. 07. Jul. 2020. P. 171 – 191. Disponível em: <https://usp-br.academia.edu/FabioPereira>

Arquivo não é simples como um banco de teses

RA: *Quais dicas você daria para um pesquisador que pretende iniciar suas pesquisas em arquivos?*

FABIO PEREIRA: Seguramente, conhecer a história do arquivo e de como aqueles documentos foram parar ali seria um primeiro passo. Depois, envolver-se com a equipe técnica que está sempre disposta a entender sua pesquisa e ajudar na localização dos documentos. Por fim, ter perseverança e disposição para investir muitas horas de consulta a dezenas, às vezes centenas, de caixas. A respeito disso, vale a pena acrescentar que muitos pesquisadores acreditam que os documentos reunidos nos arquivos estão detalhadamente descritos e catalogados em uma base de dados facilmente consultável e que basta apresentar um número de referência no balcão de atendimento para se ter acesso ao tão esperado documento. Esse raciocínio normalmente frustra pesquisadores que estão acostumados a solicitar teses em sistemas de bibliotecas. É importante entender que nos arquivos os documentos estão organizados de outra forma e que a acumulação geralmente se dá em função do contexto de criação dos documentos, isto é, da origem dos documentos. É necessário, então, um considerável esforço para presumir em quais fundos e séries podem ser encontrados os documentos que interessam à pesquisa. É na definição dessa trajetória de busca que a equipe técnica, familiarizada com os documentos ali acumulados, pode contribuir sobremaneira com o pesquisador.

É importante entender que nos arquivos os documentos estão organizados de outra forma e que a acumulação geralmente se dá em função do contexto de criação dos documentos, isto é, da origem dos documentos.

Bons frutos de pesquisa

FABIO PEREIRA: As minhas pesquisas realizadas recentemente em diversos arquivos resultaram na publicação dos seguintes artigos:

Anúncios de oficinas tipográficas paulistanas (1900-1930): Análise comparativa das fontes tipográficas utilizadas. *Infodesign*. São Paulo. v.18. nº 2. (2021). Disponível em: <https://infodesign.org.br/infodesign/article/view/929>

European Pioneers of São Paulo City Letterpress Printing: German, Italian, Portuguese and French Contributions to Brazilian Print Culture. *AIS/Design Journal. Storie e Ricerche*. Itália. v. 8. n.15. (2021). P. 111-131. Disponível em: https://www-aisdesign-org.translate.goog/ser/index.php/SeR/article/view/209?_x_tr_sl=it&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc

Memoria grafica: storia del design e cultura materiale. In: *Confini e Contesti: la Doppia Prospettiva della Ricerca in Design*. Veneza. *Bembo Officina Editoriale*. 2021; p. 363 – 370. Disponível em: https://www.bemboedizioni.it/public/libri/bembooe_F4.pdf

Information, typography and persuasion in Brazilian late 19th and early 20th century ephemera. *Information Design Journal*. Holanda. Vol. 25:2. 07. Jul. 2020. P. 171 – 191. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/idj.25.2.03per>

An Analysis of the Visual Identification of Early São Paulo City Letterpress Printing Shops: Contributions for Brazilian Design History. 12th Conference of the International Committee for Design History and Design Studies. Zagreb. Croacia. 16-168 out. (2020). Anais.Zagreb. UPI2M Boock. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/52619132/An_Analysis_of_the_Visual_Identification_of_Early_S%C3%A3o_Paulo_City_Letterpress_Printing_Shops_Contributions_for_Brazilian_Design_History